

# Mudanças nas notas confundem estrangeiro

NELSON PUJOL YAMAMOTO

Da Reportagem Local

A primeira vista, o repertório de cédulas que compõe o padrão monetário em uso no Brasil mais parece uma coleção de figurinhas do que propriamente um sistema de notas de dinheiro. Sim, porque se não bastasse o fato de estarem em circulação cédulas especificadas em cruzeiro, com ou sem carimbo denotativo de conversão em cruzados, isso ao lado de notas confeccionadas diretamente em cruzados, agora o usuário da moeda brasileira terá que se haver com carimbos indicativos de cruzado novo, numa miscelânea de cifras, nomes e adendos que sugere um jogo de senhas.

Sobretudo para o estrangeiro de passagem pelo país, perdido nessa estranha dança de zeros, não ocorrerá comprar um álbum para colar tantas figurinhas carimbadas. Antes disso, ele estará às voltas com uma grande confusão, em que está em jogo a consciência do poder de compra da moeda. "Venho ao Brasil desde 1971, mas já desisti de entender as complicações do dinheiro", diz o importador canadense Roland Zwicky, 36. "Toda vez que tenho que comprar alguma coisa, peço para me ajudarem." Eliana de Oliveira, 30, assistente de gerência do hotel Hilton de São Paulo, diz que o auxílio é rotineiro: "Os hóspedes jogam as notas no balcão e pedem para que eu as decifre."

Também inseguro está o incorporador imobiliário Stewart Coffman, 46, norte-americano da Califórnia: "Sempre que pago por algo, tenho a impressão de que cometi um erro." A complicação aumenta quando o estrangeiro fica a par de outras idiosincrasias da moeda local. "O músico Philip Glass levou um susto quando acertamos as contas da trilha sonora que ele fez para a peça 'A Metamorfose'", diz o produtor Yakoff Sarkovas, 35. "Glass conheceu o cruzeiro, sentiu-se confundido quando foi apresentado ao cruzado e esbugalhou os olhos quando me viu

## Moedas que o Brasil já teve

Do Banco de Dados

A primeira moeda a circular no Brasil foi o real (no plural reais ou réis), que perdurou até 5 de outubro de 1942, quando foi introduzido o cruzeiro, subdividido em centavos e correspondendo a mil réis. Em 8 de fevereiro de 1967 foi criado o cruzeiro novo e as três últimas casas decimais do cruzeiro velho foram eliminadas. Em 28 de fevereiro de 1986 o governo instituiu o cruzado, correspondendo a mil cruzeiros.

fazendo cálculos em OTN."

Essa nebulosidade monetária exige paciência dos profissionais que trabalham com turistas. "Há quem ache que estou passando notas sem valor quando dou o troco em notas de cruzeiros sem o carimbo", conta Patrícia Nunes, 18, agente da autolocadora Hertz no aeroporto de Cum bica. "Os turistas ficam completamente perdidos", diz José Nelson Rodrigues, 28, caixa da recepção do hotel Maksoud Plaza, em São Paulo. "Às vezes, é difícil explicar porque o troco tem mais zeros do que a nota de valor alto apresentada."

Tanta confusão acaba gerando lucros inesperados. "Já me acostumei em receber gorjetas de Cz\$ 5 mil em vez dos habituais Cz\$ 500", diz o mensageiro Adilson Aurione, do Maksoud Plaza. "Alerto para o engano, mas normalmente a coisa fica por isso mesmo." Mas até Andrea Calabi, 43, ex-secretário do Tesouro e um dos pais do cruzado, recentemente salvou de última hora uma nota de Cz\$ 5 mil. "Quis dar uma gorjeta de Cz\$ 500, mas a semelhança de cor com a nota mais alta por pouco não me pega."



Cruzeiro carimbado (dir.) e cruzado (esq.); a nota de Cr\$ 50 mil sem carimbo

## Criado o cruzado novo, que vale Cz\$ 1.000,00

Da Sucursal de Brasília

O "choque verão" cortou três zeros do cruzado e transformou a moeda antiga em cruzado novo. Com isso, mil cruzados passam a valer um cruzado novo a partir de hoje. O Banco Central vai carimbar apenas as cédulas de Cz\$ 1 mil, Cz\$ 5 mil e Cz\$ 10 mil. As de Cz\$ 1,00 e Cz\$ 5,00 vão perder seu valor em 17 de março próximo e as de Cz\$ 10,00, Cz\$ 50,00 e Cz\$ 100,00 no final do ano. As moedas de Cz\$ 0,01 até Cz\$ 5,00 também perdem seu valor em 17 de março.

Os cheques a partir de hoje terão que ser preenchidos em cruzados novos. Os preenchidos de acordo com a antiga moeda, o cruzado, terão validade até 17 de fevereiro. Os cheques predatados terão que ser trocados caso suas datas de saque

ultrapassem o dia 17 de março. Esta troca tem que ser acertada entre as partes.

As cédulas de Cz\$ 50 mil, com a estampa do poeta Carlos Drummond de Andrade, de Cz\$ 100 mil, com a poeta Cecília Meirelles, e Cz\$ 500 mil, com o ecologista Augusto Ruschi, cuja emissão já estava prevista serão reprogramadas. Elas serão emitidas já em cruzado novo, valendo respectivamente NCz\$ 50,00, NCz\$ 100,00 e NCz\$ 500,00.

O cruzado, extinto através de medida provisória, foi criado em fevereiro de 86 pelo ex-ministro da Fazenda Dilson Funaro. Ele substituiu o cruzeiro. Em seus quase três anos de existência, o cruzado acumulou uma inflação de 5.776%, forçando a adoção de um novo padrão monetário devido a sua perda de valor.

"Folha de São Paulo" 16-I-1989

## AS REAÇÕES DE EMPRESÁRIOS E ECONOMISTAS



**Pratinho de Moraes**, 49, presidente da Associação do Comércio Exterior do Brasil: "A desvalorização cambial (de 17%) terá efeito inflacionário. A liberalização cambial teria sido uma medida melhor e mais compatível com o programa de combate a inflação. Logo que ocorrerem sintomas de dificuldades para a manutenção do congelamento, o governo deverá flexibilizar a política cambial, para não comprometer as exportações, como aconteceu com o Plano Cruzado em 86".



**Edmundo Klotz**, 53, presidente da Associação Brasileira da Indústria Alimentícia: "Em tese, é um plano não recessivo. Foram atacadas as causas da inflação, com cortes nos gastos do governo e a centralização do controle do dinheiro público. No entanto, o congelamento — sem data para terminar e com 170 produtos — pode trazer problemas. Ele deveria ter se limitado a uma cesta básica, que facilitasse a fiscalização. O melhor choque seria deixar de intervir na economia."



**José Carlos Moraes de Abreu**, 65, presidente do Banco Itaú S.A.: "O plano é complexo e traz medidas de grande aperto para empresas, para os trabalhadores e para o próprio governo. É bastante severo. Espero que o "choque verão" dê certo. Acho que as medidas que foram decretadas são extremamente duras. É preciso esperar a normatização das medidas pelo Banco Central para se avaliar seu impacto no sistema financeiro. Há expectativa de aperto no crédito."



**Léo Wallace Cochrane Jr.**, 46, vice-presidente do Banco Noroeste e candidato em chapa única à presidência da Federação Brasileira das Associações de Bancos: "O plano é forte em termos de restrição à política monetária e fiscal e poderá ser recessivo a curto prazo. Eu tinha preferência por soluções mais graduais como a prefixação da correção monetária. O importante é o que se faz depois de estabelecido o congelamento. A livre negociação salarial tem meu apoio."



**Pedro Eberhardt**, 51, presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores: "O plano conserta a economia do país. O êxito no combate à inflação depende do controle de preços e salários, da saúde financeira do setor produtivo e do controle rigoroso das principais causas do déficit. As medidas contemplam essas necessidades. O momento agora é de união entre empresários, trabalhadores e governo para fortalecer o pacto social."



**Luiz Bresser Pereira**, ex-ministro da Fazenda: "Estou apoiando o plano. Ele era absolutamente necessário. É um choque heterodoxo à que é muito importante devido ao fracasso dos choques ortodoxos. É necessário o apoio de todos para evitar a hiperinflação. Com essas medidas a inflação vai diminuir mas, para acabar, seria necessário zerar o déficit público. Isso só seria possível se se cortasse a dívida externa pela metade. Mas isso pode ser feito com medidas adicionais."



**Nelson Veiga**, 60, vice-presidente da Associação Paulista de Supermercados: "Pela abrangência, esse novo choque na economia pode trazer os efeitos benéficos que a população brasileira anseia. O governo desta vez está tomando providências que serão definitivas para o sucesso do plano. O congelamento é exigência temporária para a queda da inflação. Espero que o governo não faça um controle de preços cego, sem flexibilidade ou acompanhamento de custos."



**Olacyr de Moraes**, presidente do Grupo Itamarati: "Acho que o governo tinha que tomar medidas urgentes contra a atual situação da economia brasileira, pois estávamos indo para a hiperinflação. Temos que dar um crédito ao governo. Resta agora esperar que o governo realmente tome as medidas de corte de funcionalismo e privatização de estatais. Quanto ao congelamento, acho que os preços praticados atualmente estão com bastante folga para aguentar um congelamento de 60 dias."

Associação Paulista de Supermercados - I - 11